



Para uma metodologia própria para a Ecolinguística e a ADE

Towards an appropriate methodology for Ecolinguistics and EDA

*Samuel de Sousa Silva**, *Elza Kioko N. N. do Couto**

** Universidade Federal de Goiás/NELIM (UFG)*

Resumo: O objetivo principal deste artigo é discutir a questão da metodologia na ecolinguística, disciplina relativamente jovem, a fim de sugerir bases sólidas para pesquisas na área. Por se tratar de uma disciplina que encara seu objeto de modo holístico, sua metodologia só pode ser a multimetodologia. O artigo sugere ainda alguns procedimentos de análise com base em diretrizes ecossistêmicas. Essas diretrizes podem ser se distribuem pelo domínio do natural, do mental e do social, em consonância com os princípios da linguística ecossistêmica.

Palavras-chave: Ecolinguística. Metodologia. Multimetodologia.

Abstract: The main purpose of this essay is to discuss the subject of methodology in ecolinguistics, a relatively young discipline, in order to suggest solid bases for research in the area. Once ecolinguistics looks at its object of study from a holistic point of view, its methodology is inevitably a multimethodology. The article also suggests some analytic procedures based on ecosystemic guidelines. These guidelines comprise the natural, the mental and the social domain, following the principles of ecosystemic linguistics.

Keywords: Ecolinguistics. Methodology. Multimethodology.

Introdução

Neste artigo pretendemos discorrer sobre a metodologia de análise que parta dos postulados teóricos da ecolinguística. Sendo essa disciplina uma heurística até certo ponto recente, que se enquadra dentro dos novos paradigmas científicos que ainda estão em processo de estabelecimento dentro da academia, há ainda certa dificuldade dos ingressantes nessa linha de pesquisa em definir uma metodologia que seria própria aos estudos da ecolinguística. Sendo assim, o nosso objetivo é constituir um texto que sirva como suporte para os iniciantes conduzirem suas pesquisas em ecolinguística de maneira satisfatória e que também tenham argumentos bem fundamentados para possíveis debates sobre qual seja a metodologia e os parâmetros de análise da disciplina.

Uma vez definidos essa metodologia e esses parâmetros, postularemos também a aplicabilidade dessa mesma metodologia numa disciplina interpretativa que manejará criticamente os textos produzidos em nossa sociedade, analisando-os segundo os critérios de análise ecolinguística. Essa disciplina terá como objeto de estudo os textos e enunciados produzidos, e como referenciais teóricos e metodológicos a ecolinguística operacionalizando esses referenciais. Essa disciplina de certo modo ocupa o mesmo espaço de atuação acadêmica já ocupado pelas disciplinas intituladas análises de discurso. Por isso ela foi chamada por Couto (2013) de análise do discurso ecológica.

1 Uma nova ciência, um novo objeto

Segundo definição de Couto (2007), a ecolinguística não é meramente uma nova subárea da linguística, mas sim uma mudança de modelo científico, no qual se realiza uma revolução no modo de se olhar para os objetos de análise, cujo processo de investigação científica transformou-se do habitual foco nos elementos particulares de um fenômeno para um olhar mais panorâmico, no qual se procura enxergar o todo e os princípios de harmonização e de constituição desse todo. Conforme afirma Capra, essa “mudança das partes para o todo também pode ser vista como uma mudança de objetos para relações” (apud COUTO, 2007, p. 30). Essa mudança de paradigma fica ainda mais explícita nas seguintes palavras de Couto:

Ao falar em mudança de paradigma, está pensando justamente em conexões, em interdependências, em que tudo estaria relacionado por

uma rede que por sua vez, estaria relacionada a outra rede maior, até se chegar a uma imensa rede de relações (COUTO, 2007, p. 30).

Diante disso, Silva e Couto (2013) afirmam que essa revolução de paradigma científico levou a novos, modos de se fazer ciência, segundo a qual o alvo do pesquisador não pode mais ser um objeto específico, isolado, mas sim “uma teia de inter-relações que deve ser mapeada pelo pesquisador, e que para qualquer pesquisa ancorada sobre os pressupostos epistemológicos da ecolinguística há uma “teia de inter-relações mínima a ser mapeada pelo pesquisador” (SILVA; COUTO, 2013, p. 119), a qual é definida por Couto (2007) e denominada pelo autor de “ecossistema fundamental da língua”, entendido como:

A rede de inter-relações e interdependência entre um determinado Povo, sua(s) Língua(s) e seu Território de forma que cada elemento dessa tríade é necessário e indispensável para a sobrevivência saudável de todo o Ecossistema (SILVA; COUTO, 2013, p 119).

Ainda sobre isso, Albuquerque (2014) afirma que o ecossistema deve ser encarado “como ponto de partida e ponto de chegada” em qualquer análise ecolinguística, pois a ecolinguística tem como uma das suas principais fontes teóricas, e diríamos também, ideológicas, a ecologia, e na ecolinguística tudo “emerge do ecossistema ou imerge nele” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 32).

Sendo assim, Albuquerque (2014) considera o ‘holismo’ como o princípio metodológico de análise da ecolinguística, sendo esse ‘holismo’ a perspectiva do pesquisador que ressoa na prática do mesmo em “delimitar um ecossistema e encará-lo como um todo, estudando uma espécie, ou espécime, e as inter-relações que esse espécime, ou espécie, mantém no interior de todo o ecossistema” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 32).

No entanto, é bom enfatizarmos que na ecolinguística ao pensarmos em ecossistema devemos pensar em ecossistema fundamental da língua, pois além dessa deferência da ecolinguística à ecologia, há também certo ônus da ecolinguística em relação à linguística, na qual permanece o fato de que o objeto dessa disciplina é a língua. No entanto, uma vez que a ecolinguística promove a harmonia e a coerência epistemológica e metodológica entre a ecologia e a linguística, para a ecolinguística língua não é simplesmente o sistema linguístico como estrutura que possibilita uma gramática, ou mesmo instrumento de expressão do pensamento ou instrumento de comunicação, mas “ela é a própria comunicação” ou, em outras palavras, língua é interação (COUTO, 2013). E diante do postulado fulcral de ecossistema fundamental da língua, língua são as interações

entre povo e povo e entre povo e território no interior do ecossistema desse povo.

Também vislumbrando esse fato Albuquerque (2014) ressalta a importância das inter-relações para a ecologia e a ecolinguística, afirmando que “a partir delas, é que o investigador realizará seus estudos” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 33).

Refletindo mais profundamente sobre esse postulado da ecolinguística, de que língua é interação, e se formos realmente considerar esse postulado em sua total radicalidade, os ecolinguistas apesar de em sua grande maioria serem linguistas de formação, devem considerar que a interação não ocorre apenas por meio da linguagem verbal, mas também pela linguagem não verbal. A linguagem verbal seria o modo mais tradicional de interação entre povo e povo, mas não o único. Apesar de o objeto da linguística já delimitado ser a língua verbal, o ecolinguista como um navegador desses novos paradigmas científicos deve pensar também nas outras formas de interação como as imagens, as expressões corporais, a música etc.

2 A multimetodologia da coleta de dados

Uma vez estabelecido que o pesquisador ecolinguista comece suas pesquisas a partir da delimitação de um dado ecossistema fundamental da língua, e que o seu foco de análise serão as inter-relações que se estabelecem no interior desse ecossistema, partimos para o segundo momento da pesquisa, que será a coleta e seleção de dados realmente relevantes para a pesquisa.

Da mesma maneira, a coleta de dados também deve se manter coerente com os postulados teórico-epistemológicos da ecolinguística, que de maneira simples, mas não simplória, podemos resumir pelas discussões levantadas nesse artigo, que a máxima epistemológica que guiará toda a pesquisa será a de que o ecossistema fundamental da língua será o ponto de partida e o ponto de chegada de toda a pesquisa.

Diante disso, ao se pensar na coleta de dados no interior de um ecossistema fundamental da língua delimitado pelo pesquisador, deve-se levar em conta a composição multimodal do ecossistema e se amparar com ferramentas de pesquisa que deem conta dessa multimodalidade. Segundo Couto (2007), o meio ambiente de uma língua, que por sua vez é parte do ecossistema fundamental da língua, é um meio ambiente uno mais composto de três facetas; o meio ambiente natural, o meio ambiente mental e o meio ambiente social. Esses três meios ambientes, utilizando aqui de uma metáfora natural e ecológica para exemplificar, se assemelham a um ecossistema delimitado como uma grande mexerica de três gomos, em que um gomo é o meio ambiente natural e todas as suas

características e ressonâncias sobre o todo, e da mesma forma os outros gomos seriam o meio ambiente mental e o social. Ou seja, podemos até estudar apenas um desses gomos, mas uma vez que esse novo paradigma científico enfatiza o todo do ecossistema, só é possível entender determinado fenômeno em seu interior considerando-o em relação a esse todo, se considerando esses três aspectos de constituição do meio ambiente de uma língua.

Portanto, ao se olhar para as inter-relações no interior de um determinado ecossistema fundamental da língua, o pesquisador deve sempre estar atento ao fato de que essas inter-relações se dão em três níveis que se complementam e fazem ressoar os seus efeitos uns sobre os outros, sendo esses três níveis as inter-relações naturais, mentais e sociais.

Dessa forma, a coleta de dados que consistiria justamente em mapear essa rede multimodal de inter-relações colocaria em ação uma multimetodologia de coletas de dados. Ou seja, uma vez que o objeto de pesquisa é uma rede complexa de inter-relações naturais, mentais e sociais, para se coletarem os dados pertinentes dessa pesquisa deve utilizar-se de ferramentas advindas das ciências naturais tais como a biologia, a física e a ecologia, das ciências que estudam os processos cognitivos e os processos de criação da mente humana, tais como a psicologia, as ciências da religião, os estudos dos mitólogos e a antropologia do imaginário, assim como as ciências sociais, nas quais incluímos a sociologia, a história e a linguística.

No entanto, a quais disciplinas e saberes recorrer e quais ferramentas de coleta de dados utilizar não tem como prevermos aqui. A pertinência de um ou outro saber e da ferramenta dependerá sempre dos *corpora* de pesquisa de cada trabalho, e obviamente, de cada ecossistema fundamental da língua delimitado pelo pesquisador.

3 Procedimentos de análise/diretrizes ecossistêmicas

Uma vez coletados os dados, fica a questão dos procedimentos a serem utilizados na análise dos dados coletados. Diante do que foi exposto, de que a rede mínima de inter-relações a ser investigada é um determinado ecossistema fundamental da língua e que esse novo paradigma científico do qual a ecolinguística faz parte focaliza o todo ao invés das partes, os procedimentos de análise serão as diretrizes ecossistêmicas que visam à manutenção da harmonia e sobrevivência do ecossistema como um todo. Portanto o trabalho do ecolinguista será verificar essas diretrizes ecossistêmicas e o funcionamento delas no interior desse ecossistema descobrindo a funcionalidade e saúde desse ecossistema em toda a sua integralidade: natural, mental e social.

Diante disso, postularemos agora quais seriam as diretrizes ecossistêmicas, que manteriam uma funcionalidade saudável do ecossistema, a serem verificadas na rede mínima de inter-relação recortada pelo pesquisador.

Uma vez que o ecossistema é constituído de meio ambiente natural, mental e social, assim como de um povo e uma língua ou vários povos e varias línguas, sendo que tanto povo quanto língua se constituem também por essa interconexão entre natural, mental e social, as diretrizes ecossistêmicas serão subdivididas aqui em diretrizes naturais, mentais e sociais. Essa subdivisão opera em dois sentidos. Primeiro, ela cumpre uma função pedagógica de facilitar a compreensão e visibilidade dessas diretrizes, apenas para facilitar seu aprendizado, já que nos acontecimentos hodiernos no interior do ecossistema elas funcionam integradas e concomitantemente. Segundo, a subdivisão deixa bem clara a necessidade de a pesquisa ecolinguística ser integradora e abrangente, partindo do ecossistema e analisando-o em sua totalidade, ou, pelo menos, se for o caso do pesquisador optar por focalizar apenas um desses aspectos, que ele esteja consciente de sua escolha e entenda que o seu trabalho chega apenas a resultados parciais.

Vejamos as diretrizes ecossistêmicas naturais a serem verificadas no ecossistema analisado. A diretriz ‘ecossistêmica natural fundamental’ será o condicionamento espacial/corporal das inter-relações da espécie humana com o seu meio e todos os seus elementos constitutivos, aí inclusos outros membros da mesma espécie.

A estrutura que define o modo de existência da espécie humana como fundamentalmente relacional é a inter-relação corporal do homem e o seu meio como estrutura epistemológica instintiva natural da espécie humana. Como assevera Umberto Eco, os únicos universais da espécie humana que foram observados em todas as culturas são alusivos à postura dos nossos corpos em relação ao espaço a nossa volta (ECO, 1999). Da mesma maneira, a ecolinguística postula que essa relação de adaptação e apreensão do espaço a nossa volta através da imiscuição dos nossos corpos pelos outros corpos do nosso meio, assim como a afetação do nosso meio imediato pelo nosso corpo que se apresenta como elemento desse espaço, é compreendida como o modo pelo qual se dá a nossa adaptação ao ecossistema no qual somos inseridos ou nascemos (SILVA, 2014).

Diante disso, essas inter-relações espaciais/corporais de espécie humana com o seu meio se caracterizarão sempre como inter-relações adaptativas e inter-corporais, sendo essas duas características o que deverá ser observado pelos pesquisadores em suas análises. Uma vez que o objeto de análise, como já mencionado acima, será sempre um ecossistema fundamental da língua delimitado pelo observador, e o que será de fato observado nesse ecossistema serão as inter-relações em seu interior, o pesquisador deverá observar nesse objeto os traços de adaptação e intercorporeidade que caracterizam o ecossistema em seu aspecto natural.

Os traços adaptativos a serem verificados no ecossistema delimitado serão as inter-relações (língua) entre povo e povo e povo e território que objetivam modificações do povo em relação a outros povos ou do povo em relação ao território ou a maneira de como esse povo enxerga esse território visando ao equilíbrio e à harmonia do ecossistema como um todo. Conforme aponta Couto (2007), a adaptação é uma ação dos organismos entre si em um ecossistema e entre os organismos e o meio a sua volta visando à homeostase, a estabilidade no interior do ecossistema. Portanto, ao se constatar esses traços adaptativos do ecossistema, o objetivo é verificar se essa estabilidade ou harmonia do todo ecossistêmico está sendo mantida e se o ecossistema está operando normalmente visando a essa homeostase. A funcionalidade ou não dessa característica adaptativa do ecossistema significa a sua saúde e conseqüentemente sua sobrevivência no futuro.

Ao se estudar a língua de um povo indígena de um determinado território, em que esse povo convive com povos não índios, a adaptação dessa língua em relação às novas situações e relações em que esse povo passou a ter consigo mesmos, com a sua terra e com esses povos não índios, é fundamental para a sobrevivência dessa língua, assim como de muitos aspectos da cultura indígena local e até do próprio povo na sua identidade originária. Nesse caso, os traços adaptativos poderiam ser o surgimento de novos vocabulários para designar novos objetos que antes não faziam parte da realidade do povo, empréstimos da outra língua de contato e a adaptação desses empréstimos à estrutura gramatical e à pronúncia própria da língua nativa; o surgimento de novas preposições espaciais e temporais que deem conta das novas relações desse povo, e muitas outras coisas que podem estar ocorrendo nos sistemas fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Os traços de intercorporeidade de um ecossistema fundamental da língua podem ser encontrados por meio de uma análise dos símbolos de um povo ou uma cultura. Já que o símbolo é fruto de um processo metafórico abstrativo de nossas relações mais concretas que são nossas interações corporais com o mundo a nossa volta, nossa intercorporeidade, fazendo dessas nossas relações corporais com o nosso meio a base mais profunda dos sentidos produzidos pela espécie humana. O símbolo, portanto, é o elo construído pela espécie humana entre essa relação mais direta do homem com o seu meio, que é esse processo de afetação dos nossos corpos no mundo e pelo mundo a nossa volta, e o nosso psiquismo que interpreta e filtra o mundo para os moldes cabíveis em nosso entendimento por meio da nossa linguagem. Sendo o símbolo um “pensamento orgânico” conforme o conceito de Merleau-Ponty.

Ao postular, então, uma integralidade entre o psíquico e o fisiológico Merleau-Ponty desenvolve o conceito de “pensamento orgânico”, em que o psíquico deixa de ter a precedência sobre a constituição de nossas significações e passa a participar do todo do nosso corpo como “ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 117). Sendo que essa

integração de corpo e psiquismo que é o “ser no mundo” é definida por Merleau-Ponty como o procedimento pelo qual

O reflexo [...] se abre ao sentido de uma situação, e a percepção, enquanto não põe primeiramente um objeto de conhecimento e enquanto é uma intenção de nosso ser total, são modalidades de uma visão pré-objetiva” que é esse “ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 118-119).

Em síntese, a produção desse “pensamento orgânico” é o resultado da experiência/vivência desse “ser no mundo”, em constante tensão adaptativa com o seu meio, produz nessa tensão dialética, os significados de adaptação e apropriação do meio ambiente ao seu derredor. No entendimento da antropologia do imaginário, tudo que Merleau-Ponty concebe em seu conceito de “pensamento orgânico” é comportado no símbolo, que é o lugar da “gênese recíproca do gesto e do ambiente” (DURAND, 2002, p. 42), em que o símbolo é constituído pelas interações fisiológicas e psíquicas do indivíduo, o gesto (meio ambiente mental), com as intimações do meio, meio ambiente natural e social. Conforme Merleau-Ponty:

Os motivos psicológicos e as ocasiões corporais podem se entrelaçar porque não há um só movimento em um corpo vivo que seja um acaso absoluto em relação às intenções, nem um só ato psíquico que não tenha encontrado pelo menos seu germe ou seu esboço geral nas disposições fisiológicas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 130).

Dessa feita, o símbolo é o elo que une o natural e o mental, característicos da constituição ecossistêmica humana. Sendo assim, resultante dessa concepção integradora da espécie humana nesses seus aspectos naturais, mentais e sociais, devido aos três meio ambientes formadores do ecossistema, a investigação das formações simbólicas do ecossistema delimitado pelo pesquisador tanto dá conta dessa diretriz intercorporal ecossistêmicas natural, quanto à dimensão simbólica é por excelência a diretriz ecossistêmica mental. Ou seja, a verificação dos símbolos e a formação simbólica de um dado ecossistema é ao mesmo tempo uma diretriz natural e uma diretriz mental, sendo que o símbolo é em si o mais eficaz como também o único meio possível de verificação do meio ambiente mental de um ecossistema.

Sendo assim, a diretriz correspondente ao meio ambiente mental é a que é

compartilhada pelo meio ambiente natural, uma vez que essa intercorporeidade, que é a base da formação dos sentidos de uma dada comunidade, só pode ser verificada nos símbolos, e da mesma maneira, o meio ambiente mental no seu processo de constituição e as leis de funcionamento de como é a operacionalidade desse meio ambiente mental também só podem ser verificadas na análise dos símbolos de um ecossistema. Dessa forma, para verificação da diretriz constituinte do meio ambiente mental, que é a verificação dos traços simbólicos de constituição de um ecossistema, deve se recorrer às heurísticas de análise de símbolos, tais como a antropologia do imaginário de Gilbert Durand, a semiótica Peirciana, cujo grande desenvolvedor é Umberto Eco, a semiologia de Barthes ou a semiologia histórica de Courtine e o trabalho de mitólogos como Joseph Campbell e Mircea Eliade. Qual dessas heurísticas será a mais adequada para a análise da dimensão simbólica de um ecossistema dependerá dos *corpora* de pesquisa e obviamente das escolhas do pesquisador.

Quanto às diretrizes ecossistêmicas sociais, conforme sintetiza Albuquerque (2014) e Bang e Door (2007), em vários dos seus artigos, assinalam três dimensões da língua, compreendendo-a ecossistemicamente, sendo essas as dimensões biológica, ideológica e sociológica, que corresponderiam, respectivamente, aos meios ambientes natural, mental e social de Couto (2007). Aqui, entende-se que o mental é constituído pelo simbólico, como já dito acima, sendo o simbólico a constituição dos significados humanos na inter-relação entre o meio ambiente natural, a percepção corpórea do homem em relação ao seu meio e as intimações do meio social. De forma que o ideológico seria a apreensão feita pelo mental das relações sociais nas quais o indivíduo está inserido.

No que tange ao símbolo, é o caso da antropologia do imaginário e dos estudos das ciências da religião, é a significação mental primeira do indivíduo, sendo que a ideologia já seria, portanto, constituída sobre o símbolo, elemento ao qual o psiquismo humano recorre como mediador para todas as futuras apreensões dos meios circundantes, tanto naturais quanto sociais, sendo a ideologia e os valores de um indivíduo a camada do social apreendida por ele. Entende-se nesse artigo que a dimensão ideológica da língua corresponderia ao meio ambiente social da língua, e, portanto, o ideológico é a diretriz ecossistêmica do meio ambiente social.

Na história da filosofia de uma maneira geral, ideologia sempre foi entendida como uma produção social-histórica-cultural, uma vez que apesar de haver diferenças de um teórico para outro, ideologia é o conjunto de valores e crenças de um grupo humano, seja ele um grupo religioso, político, étnico, filosófico ou científico. De maneira geral, a ideologia é atrelada ao contexto social no qual ela é utilizada ou atua, sendo um determinado valor sócio-histórico-cultural capaz de conduzir as condutas e convicções dos indivíduos em determinadas conjunturas históricas, sociais e culturais (ABBAGNANO 2007, p. 531-533).

Nesse sentido, verificar as ideologias de um dado ecossistema fundamental da língua será olhar para as estratégias relacionais de tentativa de conduzir as relações entre os elementos constitutivos do ecossistema (povo, língua e território), a um dado objetivo. Para Marx, o objetivo por traz de toda estratégia ideológica era a manutenção das relações de trabalho e produção com vista à permanência do grupo dominante economicamente como tal (ABBAGNANO, 2007, p. 532). Mas, para a ecolinguística, a ideologia não será vista apenas nesse viés econômico de luta entre detentores do capital, mas num sentido muito mais Foucaultiano, em que as relações e estratégias de poder se dão nas esferas micro (Foucault, 1979), em que todas as inter-relações no interior do ecossistema são guiadas por estratégias ideológicas, isto é, estratégias relacionais já convencionadas como meios de navegação social para aquele grupo.

Mas diferente também das noções de Foucault em que todas as relações são sempre relações de poder, na ecolinguística o foco não é o poder. As inter-relações no interior ecossistêmico idealmente são em prol do equilíbrio do todo ecossistêmico, e, portanto, as estratégias relacionais no interior do ecossistema poderão ser entendidas como relações naturais, aquelas que obedecem a lei da homeostase, e relações extraviadas, aquelas que sofreram um desvio no seu curso natural e priorizam algum elemento particular do ecossistema em detrimento do equilíbrio do todo. Portanto, toda estratégia inter-relacional (ou ideologia, pois estamos tratando de ideologia como estratégia inter-relacional, guiada por um objetivo qualquer), que priorizam ou a língua, ou o território, ou o povo em detrimento de uma harmonia entre os três elementos é uma estratégia relacional extraviada, ou ideologia extraviada.

Para exemplificar esse processo analítico a partir das diretrizes ecossistêmicas, e também cumprindo o propósito levantado na introdução sobre refletir sobre os parâmetros de análise de uma análise do discurso ecológica, vamos tomar como exemplo o artigo de Silva e Couto (2013), em que é analisado o conceito de propriedade da cultura ocidental capitalista, e veremos como essa análise pode ser tanto uma análise ecolinguística como um trabalho em análise do discurso ecológica.

O artigo em questão começa a análise a partir do conceito de propriedade em John Locke, filósofo inglês considerado um dos pais do liberalismo econômico capitalista. O ponto do qual se começa a análise, coloca-a dentro de um campo próprio da análise do discurso, uma vez que o objeto é um conceito da filosofia e não um texto ecológico como faz a ecolinguística crítica, e, portanto, é um objeto próprio da análise do discurso ecológica, e como os parâmetros epistemológicos, e, metodológicos serão da ecolinguística, é também um trabalho de ecolinguística.

A análise começa a partir da diretriz ecossistêmica social que é a ideologia. O conceito de propriedade é um dos conceitos fundamentais, talvez o principal deles, do

modelo econômico do ocidente que é o capitalismo. Sendo ele um dos princípios ideológicos que mantém esse sistema funcionando, pois o sistema capitalista se movimenta em função da busca sempre constante do acúmulo de capital, que por sua vez tem a função predominante de adquirir propriedades. Podemos ver no conceito de propriedade seu funcionamento como estratégia inter-relacional conforme o conceito de ideologia definido acima, pois o conceito de propriedade demarca o modo como o homem se relaciona com o território, a sua visão sobre esse território e suas condutas sobre ele, o que fica bem claro no artigo de Silva e Couto (2013).

O artigo mencionado também demonstra que no caso do conceito de propriedade da bíblia hebraica, que Locke toma como base para seu conceito, essa relação homem e território é uma relação natural, pois a relação entre homem e território no seu contexto de origem, no caso o ecossistema de origem é o antigo oriente próximo, uma terra praticamente desértica, a relação do homem e desse território visa ao benefício do ecossistema como um todo, tornando a terra produtiva e alimentando seus habitantes. Ou seja, temos nesse caso uma ideologia natural.

Na transposição desse conceito para o mundo ocidental, ocorre um extravio dessa ideologia, que passa a beneficiar excessivamente o homem e esgotar os recursos naturais desse território, sendo assim, no caso do conceito de propriedade liberal capitalista ocidental, temos uma ideologia extraviada.

Passando para um segundo nível de análise, o das diretrizes ecossistêmicas naturais, observamos na leitura do artigo que o efeito de extravio da ideologia analisada que a transforma em uma ideologia extraviada é a não adaptação desse conceito emprestado de outro ecossistema ao novo ecossistema de inserção. Ou seja, o desvio pôde ser verificado nos traços adaptativos, ou nesse caso, na constatação de uma não adaptação desse conceito ao novo ecossistema, em que o tipo de relação entre homem e terra no contexto original de elaboração do conceito era propício, tendo em vista os escassos recursos desse território. Já no novo ecossistema para o qual esse conceito foi transportado, tal tipo de relação não convinha por esse novo território ser bem mais rico em recursos naturais, de maneira que um tipo de relação que em um ecossistema era desenvolvimento da terra e aumento de suas capacidades de produção, no outro ecossistema se tornou exploração da mesma e um eventual esgotamento de seus recursos.

Já num terceiro nível de análise temos a diretriz ecossistêmica mental que é a dimensão simbólica desse ecossistema. E na análise do conceito de propriedade conforme desenvolvida no artigo de Silva e Couto (2013), podemos ver qual a relação simbólica desse homem com essa terra a partir da etimologia da palavra terra na cultura hebraica, cultura original da criação desse conceito, e, na verdade, pela falta de um símbolo para essa terra como em outras culturas que a chamam de “mãe terra”, ou a tem como um organismo

vivo como no caso da hipótese de Gaia. No caso da cultura hebraica, a palavra “Adam” que significa homem no sentido genérico (ser humano) é a gênese da palavra hebraica para Terra. A palavra “Adama”, terra em hebraico, é derivada da palavra “Adam” (homem) acrescida do feminino, a consoante “He”. A outra nomeação de terra na língua hebraica é *érets* que ocorre na bíblia hebraica na maioria dos casos em contextos relacionados à criação divina, com o significado sempre de terra de alguém.

Normalmente “Terra do Senhor (Senhor significando Deus, o criador)”, ou terra de Abraão, terra de Isaque etc. Na dimensão simbólica do povo hebreu e sua língua, a terra é sempre algo a ser disposto e sujeitado pelo homem, concepção essa que atravessa a estrutura da língua hebraica e pode ser vista por meio de um estudo morfológico e semântico do hebraico (SILVA; COUTO, 2013). Portanto, a concepção simbólica de terra na cultura original de elaboração do conceito de propriedade capitalista, a vê sempre como um bem a ser possuído, ou em outras palavras, uma propriedade a ser adquirida e resguardada, e não como uma mãe criadora e que cuida, ou um espírito doador da vida e da harmonia como em outras culturas.

Considerações finais

Este ensaio não teve a pretensão de esgotar o tema desenvolvido, a elaboração de uma metodologia de pesquisa e análise próprias da ecolinguística e da análise do discurso ecológica, mas pretendeu esboçar respostas à seguinte pergunta de iniciantes na pesquisa ecolinguística: como fazer ecolinguística, afinal? Diante disso, a síntese que fica dessa discussão é que o objeto da ecolinguística é uma rede de inter-relações cuja apresentação mínima a ser verificada é o ecossistema fundamental da língua, e no interior desse ecossistema tudo passa pelas inter-relações desse ecossistema cuja configuração mais expressiva é a língua. A partir do ecossistema delimitado, o pesquisador deve verificar as diretrizes ecossistêmicas de funcionalidade e saúde do ecossistema em questão, sendo elas de caráter natural, mental e social.

Diante disso, numa perspectiva bastante prática, o pesquisador que quer desenvolver uma pesquisa segura em ecolinguística pode seguir esses passos: 1) delimitar um ecossistema fundamental da língua a ser pesquisado, 2) olhar para as inter-relações no interior desse ecossistema, 3) verificando as diretrizes ecossistêmicas naturais, mentais e sociais de funcionalidade desse ecossistema conforme elencamos acima. É importante observar que essas diretrizes ecossistêmicas são fruto de uma reflexão inicial sobre o tema, o pesquisador ao se debruçar sobre o seu ecossistema poderá encontrar outras diretrizes.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALBUQUERQUE, D. B. *A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística*. Brasília: UnB, 2014, tese de doutorado.
- COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, H. H. Análise do Discurso Ecológica (ADE). Disponível em: <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br>>. Acesso em: 1º abr. 2013. Acessado em: 22 out. 2014.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ECO, U; MARTINI, C. M. *Em que creem os que não creem*. São Paulo: Record, 1999.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SILVA, S. de S.; COUTO, E. K. N. N. do. Uma Eco-Filosofia-Linguística: a relação povo-língua-território na formação do conceito de propriedade. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1, Brasília, Thesaurus, 2013.
- SILVA, S. de S. A relação epistemológica entre a Antropologia do Imaginário e a Ecolinguística. In: COUTO, E. K. N. N.; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília, Thesaurus, 2014.

SAMUEL DE SOUSA SILVA

Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás – bolsista CNPQ. Pesquisador do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM), cadastrado no CNPq. E-mail: samueleraquel@hotmail.com.

ELZA KIOKO N. N. DO COUTO

Professora na graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Goiás. Possui pós-doutorado em Linguística na UNB, mestrado e doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É coordenadora do Núcleo de Ecolinguística e Imaginário (NELIM), cadastrado no CNPq. E-mail: kiokoelza@gmail.com